

Sonhos Manchados, Sonhos Vividos

Agnaldo Bata



**Sonhos
Manchados,
Sonhos
Vividoss**

Imprensa Nacional
é a marca editorial da **INCM**

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.
Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa

www.incm.pt
www.facebook.com/ImprensaNacional
prelo.incm.pt
editorial.apoiocliente@incm.pt

© Agnaldo Bata
e Imprensa Nacional-Casa da Moeda

TÍTULO
Sonhos Manchados, Sonhos Vividos

AUTOR
Agnaldo Bata

REVISÃO
Maria José Godinho

CAPA
Rita Múrias

CONCEÇÃO GRÁFICA E PAGINAÇÃO
Imprensa Nacional-Casa da Moeda

IMPRESSÃO E ACABAMENTOS
Imprensa Nacional-Casa da Moeda

1.ª EDIÇÃO
Maio de 2019

ISBN 978-972-27-2507-1
DEPÓSITO LEGAL 452 950/19
EDIÇÃO N.º 1023287

Sonhos Manchados, Sonhos Vividos



Agnaldo Bata

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

Prólogo

Ao abrir os olhos ele duvidava da existência do mundo, pestanejou para ter certeza de que ainda tinha controlo dos seus músculos, fez o ar passar pelas narinas dentro para sentir o olfato da nova vida. Teve receio de olhar para o lado e descobrir o inferno, ficou alguns segundos em silêncio enquanto os seus ouvidos permitiam-lhe contemplar as vozes que estavam ao seu redor. Não demorou até dar-se conta da correria que acometia aquele lugar. Pela organização do espaço em que estava, teve certeza de que não estava no céu, apesar do branco que cobria praticamente todo seu corpo. Ao receber as boas-vindas teve certeza de que estivera a dormir por algum tempo. Por quanto tempo? Não se recordava, não lhe importava, queria apenas saber se chegara ao destino.

Recebeu as explicações sobre o seu estado e em dias teria de ir para casa. Ficou indiferente à notícia, queria saber apenas do futuro. Existia ainda algum futuro? Existia ainda alguma casa? Existia ainda alguma coisa pelo que viver? Uma cefaleia tomou conta de si e decidiu fechar os olhos e descansar novamente.

O dia da partida chegou, não tinha como chegar a casa. Uma pequena contribuição das almas solidárias que estavam ao redor gerou o suficiente para que ele pudesse, ao menos, chegar a casa. O resto era resto. Definir-se-ia mais tarde.

— Vá atrás dos seus sonhos — disse uma voz doce e simpática.

— Que sonhos? — perguntava-se a sua alma.

Caminhou até à saída, as roupas lhe eram estranhas, mas quem era ele para reivindicar alguma coisa? Era tudo estranho para ele, o mundo, a cidade, a sua vida, tudo de um além que ele nunca esperara viver. Ele era o estranho ali. Infelizmente, tinha de encarar os factos de frente e continuar vivendo. Para ganhar essa vida, logo ao colocar os pés na rua, fez um juramento:

— Nunca mais, nunca mesmo. Foi a última vez — eram as cerimónias de enterro do que a vida plantara nele. Era preciso extirpar e colocar

CAPÍTULO I

Gertrudes abriu a porta do seu quarto e pareceu-lhe ter descarregado uma pasta de costas com conteúdo militar, de tão pesada que era. O mundo exterior tornara-se, nos últimos dias, extremamente pesado e delicado de levar às costas. Por isso, ao entrar no seu quarto fazia questão de deixar o mundo a descansar do lado de fora. O seu quarto era o seu refúgio e o único lugar onde sentia que podia ter vida.

O outro lugar onde, até há umas semanas antes, sentia que podia ter a sua vida era o laboratório do Instituto Nacional de Saúde (INS). Depois de anos de sufoco na aviação civil, Gertrudes finalmente encontrara a paz naquele laboratório, pois lá podia fazer o que sempre sonhara: transformar o amor pelas plantas em saúde para os humanos, restabelecer o elo entre

o homem e a natureza, que ela sentia que estava a se perder.

Olhou para o relógio, viu que eram quase nove horas da manhã, de seguida mirou o seu quarto e viu que estava tudo desorganizado, tal e qual como ela deixara há praticamente quarenta e oito horas quando fora trabalhar. Há anos que, mesmo sob protesto da sua mãe, ela dera ordens à D. Matilde, fiel zeladora da organização e cozinheira da casa, para que nunca entrasse no seu quarto quando ela estivesse fora de casa. Estranhamente, a desorganização dava-lhe paz, sentimento que não tinha na rigorosa organização do seu trabalho na aviação civil.

Atirou a sua bolsa para um dos cantos do gigante compartimento. Quase que por alucinação, se apercebeu que o seu ninho mantinha, em grande parte, a decoração que o seu pai desenhara na adolescência quando deixou bem claro o sonho que ele tinha para ela, o mesmo que fez com que ela acreditasse que fosse o dela. Numa das paredes, estava colado um papel de vinil com uma imagem de um Boeing 747 decolando, captada no aeroporto de Hong-Kong. Estavam, também, pendurados pelo quarto três protótipos de aviões comerciais (um A330, um A380 e um embraer 145-RJ) e de um helicóptero militar. Estava tudo bem desenhado para que ela fosse uma piloto de sucesso internacional.

O espelho do seu guarda-roupa permitia que ela contemplasse a si mesma, de baixo para cima, deixando-a momentaneamente desiludida ao mirar a sua roupa de aeromoça. Cabia tão bem em si que até a deixava elegante. Isso é que a deixava desiludida. O azul e o vermelho da roupa combinavam com a sua pele clara e os seus cabelos cacheados. O salto de cinco centímetros deixava-a mais alta, fazendo-a medir cerca de um metro e oitenta. A saia descaía até ao joelho fazendo sobressair as suas ancas e a blusa ajustava os seus seios, que não eram gigantes como os das atrizes de Hollywood, mas permitiam-lhe pôr um sutiã. Esses atributos valeram-lhe, várias vezes, o título de «mulata boa», o qual ela sempre fez questão de repudiar.

Antes de se sentar olhou para o calendário das Linhas Aéreas que estava afixado na parede do quarto e apercebeu-se de que faltavam apenas sete dias para ela completar 25 anos. Não gostava dos seus aniversários, sempre teve festas constantes até aos 18 anos, quando partiu para Portugal a fim de cursar a Escola de Aeronáutica. Quando o avião em que fazia-se transportar decolou de Maputo sentiu-se livre, não só das constantes comemorações de aniversário que ela pouco apreciava, mas também da pressão diária que era feita pelos seus pais para se tornar aquilo

ÍNDICE

Prólogo	9
Capítulo I	13
Capítulo II	21
Capítulo III	27
Capítulo IV	37
Capítulo V	47
Capítulo VI	55
Capítulo VII	65
Capítulo VIII	69
Capítulo IX	77
Capítulo X	91
Capítulo XI	95
Capítulo XII	101
Capítulo XIII	105
Capítulo XIV	117
Capítulo XV	129

Capítulo XVI	133
Capítulo XVII	139
Capítulo XVIII	143
Capítulo XIX	151
Capítulo XX	155
Capítulo XXI	161
Capítulo XXII	169
Capítulo XXIII	171
Capítulo XXIV	181
Capítulo XXV	187
Capítulo XXVI	195
Capítulo XXVII	199
Capítulo XXVIII	205
Capítulo XXIX	209
Capítulo XXX	213
Capítulo XXXI	219
Capítulo XXXII	229
Capítulo XXXIII	231
Capítulo XXXIV	239
Capítulo XXXV	245
Capítulo XXXVI	251
Epílogo	255

«Vejam, senhores juizes, eu nunca recebi presentes, ninguém me faz sonhar com um futuro melhor, a única coisa que eu posso ter são os passados [...] Praticamente, as pessoas não precisam dos maus eventos do passado, apenas servem para os deixar mais tristes e receosos para enfrentar o futuro. Não é com má intenção que eu faço essa coisa que vocês chamam de roubar passados, é apenas para libertar as pessoas. Quantas pessoas vivem presas ao passado? A prisão num passado é bem mais cruel que a prisão judicial. Então eu decidi tirar essa mancha da vida das pessoas que muitas vezes é usada para as julgar.»

MÁRIO DOS PASSADOS

Apoio

C CAMÕES
INSTITUTO
DA COOPERAÇÃO
E DA LINGUA
PORTUGAL
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

N I M P R E N S A
N A C I O N A L